

A GUERRA NO CÉU E NA TERRA

IONILTON PEREIRA DO VALE

O sol canta pelo infinito
Há em torno esferas iguais,
e seu curso assim é descrito
com trovões e vendavais.
Dando aos anjos resistência,
nenhum lhe alcança a razão,
das obras de Deus a essência,
vem a ser a mesma da Criação.
J.W Goethe-Fausto.

*Mas Ele lhes disse: Eu via Satanás caindo do céu como um relâmpago.
(Lucas10:18).*

Esta é uma obra de ficção. Os personagens foram livremente inspirados na Bíblia, na Cabala, na mitologia grega, e em outras fontes puramente literárias. São frutos da imaginação do autor. Não apresenta qualquer conotação religiosa, apenas literária.

Sumário

apítulo 1.	O abismo.....	07
Capítulo 2.	A criação dos anjos.....	13
Capítulo 3.	O império celestial.....	17
Capítulo 4.	O livro do diabo.....	21
Capítulo 5.	O cavalo de Satanás.....	24
Capítulo 6.	A grande transformação.....	26
Capítulo 7.	A audiência.....	33
Capítulo 8.	O problema da existência do mal.....	37
Capítulo 9.	O sacrifício.....	41
Capítulo 10.	Alcançando e convencendo os revoltosos.....	48
Capítulo 11.	A reação do Altíssimo aos filhos da desobediência e da rebelião.....	53
Capítulo 12.	A grande e abominável reunião.....	58
Capítulo 13.	Uma batalha no abismo.....	63
Capítulo 14.	A reunião de Deus com os príncipes de seu exército.....	66
Capítulo 15.	Os preparativos do exército de Deus para a batalha.....	71
Capítulo 16.	Os revoltosos se preparam para a grande batalha.....	75
Capítulo 17.	Prolegômenos da batalha final: a criação do universo por Deus.....	81
Capítulo 18.	A batalha final.....	83
Capítulo 19.	De anjo a demônio.....	89
Capítulo 20.	O inferno ou Seoul.....	92
Capítulo 21.	A segunda grande e abominável reunião.....	97
Capítulo 22.	Dividindo para conquistar.....	101
Capítulo 23.	A relação dos homens com os demônios.....	105

Prólogo

Das grandes batalhas e poemas épicos, este canto procura refúgio
Refúgio para narrar o grandiloquente ato da criação
Que do nada fez o tudo, do devir o porvir
Do imaterial o corpóreo, do que se não viu o que se vê

De onde vindes, ó musas raras, apregoar este canto ao meu ouvido
Sussurrando cada momento, cada átimo sagrado da criação
Não sabeis vós que o imperfeito jamais pode narrar o que é perfeito?
E o corruptível o que já é incorruptível, o temporal o eterno?

Contudo, não deixa este canto de ser o esforço tênue do pensamento.
Que se confunde com o labor imediato e tenaz do momento.
Invocando os antigos espíritos das várias vertentes do sentimento.
Que nos acompanha em cada devir, em cada passamento.

Em que eras e eras escondidas no tempo não olvidaram elo essencial
Imutável e revelador, potente e veloz, da verdade em forma de luz
Pleno de paz e amor, puro em seu resplendor
Vívido da plenitude da luz e da vida em si mesmo

Mas como descrever, no entanto, o que nenhum homem viu ou ouviu?
Como falar o que não foi escutado, ou revelar o que não foi revelado?
Como imaginar o que não pode ser imaginado
Sequer pelo poder de bilhões de anos-luz?

Falar da vida, do pequeno átomo febril
Que desencadeou a criação com uma grande explosão
Sim. O brado de Deus, ecoando na eternidade,
Dizendo, faça-se...

Capítulo 1. O abismo

As eras ainda não tinham iniciado e os séculos eram apenas luzes apagadas no pensamento de Deus. Nada era real, pois a realidade ainda não existia. O abismo, o nada e o vazio eram a única realidade possível que existia. Nada existia porquanto nada fora criado.

O abismo pairava insone sobre a face do nada. O vazio e o caos eram preenchidos tão somente por eles mesmos, e pela glória de Deus.

Mas o que seria o abismo senão o caos inexprimível, no qual se encontrava o oceano profundo e inextinguível, cuja largura e profundidade eram sem começo ou fim, onde nadava o poderoso Leviatã?

O caos estava dentro do abismo, e tudo era a mais absoluta desordem. Mas as poderosas águas estavam entre o abismo e o nada. O vazio, que era o que existia para além dos grandes oceanos, ansiava pela criação, como se fora um ser vivo.

Apenas o espírito de Deus se movia na face do abismo e nas grandes águas. Deus é amor. A sua essência era o amor, o amor era ele, e o amor vivia com ele. O verbo santíssimo, pelo qual toda a criação se fez, estava com Deus e era também Deus.

O espírito de Deus insone, pairava sobre a face do abismo e do nada. Nada existia, porém tudo era tão pleno e perfeito como possível, visto que Deus se movia na face do abismo. O ser imutável e todo poderoso se movia em todo o seu esplendor, beleza e glória. Força, poder e glórias imutáveis e inacreditáveis, como escreveu o poeta:

Antes do mar, da Terra e Céu que os cobre

Não tinha mais que um rosto a Natureza:

Este era o Caos, massa indigesta, rude

E consistente só num peso inerte.

E ainda o profeta e poeta em cuja casa nasceria o Cristo, que ali estava junto com seu onipotente e poderoso pai:

Pela palavra do Senhor foram feitos os céus,

E todo o exército deles, pelo espírito da sua boca.

Ele ajunta as águas do mar como num montão;

Põe os abismos em depósitos.

Tema toda a terra ao Senhor;

temam-no todos os moradores do mundo.

Porque falou, e foi feito;

mandou, e logo apareceu.

Esse cenário grandiloquente abrigava apenas o ser supremo, que criou com a força de sua palavra toda a realidade. Deus se bastava a si mesmo, e em si mesmo recolhia toda a beleza. O santíssimo e onipotente transmitia todo o seu amor ao Filho e ao Espírito Santíssimo, e esses três seres essenciais e únicos eram um só. Esse único Deus avançava e retrocedia de eternidade em eternidade. Agarrando-se a essa realidade outro poeta assim melodiou:

As águas eram, pois, inavegáveis,

Os ares, negros, movediça, a terra

Forma nenhuma em nenhum corpo havia,

E neles uma coisa à outra coisa obstava,

Que em cada qual dos embriões enormes

Pugnavam frio e quente, úmido e seco,

Mole e duro, o que é leve e é pesado.

Pode-se dizer que Deus não se sentia só. Sendo ele mesmo a fonte de todo bem, perfeição e beleza supremas, da vida à morte, do paraíso ao inferno, do conhecimento aos mistérios, bastava-se a si mesmo, em sua eternidade, paz e amor indelével com o Filho e o Santo Espírito.

O vazio, contudo, não deixava de ser belo, de uma beleza e magnitude comparada à mais absoluta solidão e satisfação que um homem realizado em sua viagem espiritual sente consigo mesmo quando encontra Deus e a si mesmo, no complexo e emaranhado mundo de sensações e na multiplicidade de cores, sons e formas.

Relâmpagos ora amarelos como o sol ao meio-dia ou como o ouro puro de Salomão, ora brancos como a prata que abastecia os navios de Roma, nas viagens que fazia a Cartago, tirânicos e titânicos, iluminavam aquela escuridão constantemente, que paradoxalmente deixava de ser solidão ante a eletricidade gerada por aqueles feixes de luz em seu rápido ziguezaguear, como Lépade, a raposa encantada, antes de virar uma estátua por ordem dos deuses.

O eco dos relâmpagos, cuja força imanente era tão poderosa como o poder de uma estrela que a si mesmo se ilumina, e irradia sua luz pela escuridão sem fim do universo, retornava tão logo esses relâmpagos fluíam constantemente no abismo, em cores dos mais diversos matizes, ora transformados em uma cor indistinta, aproximada do rublo, ora de um verde escurecido, ora de cores violáceas, formando um conjunto de cores que emolduravam o abismo e o nada, como se já tivesse sido completado pela criação que havia de vir.

O oceano, cujo tamanho não se podia medir, confundia-se com o infinito. Lá era possível vislumbrar o poderoso Leviatã, que singrava as ondas como o poderoso corcel negro singra incólume as areias do deserto.

As ondas e as tempestades produzidas pela intensa eletricidade criavam um ambiente inóspito e hostil para qualquer ser vivente, mas não para aquele cenário digno. Não era incomum o surgimento de imensos tufões, tornados e ciclones. Esses ciclones surgiam do contato entre a eletricidade e a água, especialmente nos lugares em que a superfície das águas se tornava mais quente, de uma temperatura tão incandescente como a de um vulcão em erupção.

O encontro inevitável dessas duas poderosas forças do abismo, cada uma lutando para fazer capitular a outra, em uma luta eterna em que não havia vencedores ou vencidos, tornava possível a formação de uma imensa coluna de ventos, resultantes do contato entre o infinito oceano e os imensos relâmpagos, cuja força poderia facilmente arrancar uma estrela de seu lugar e destruí-la completamente.

Esses imensos tornados e ciclones, cuja direção era incerta e desordenada, mantinham uma velocidade de mais de oitocentos milhões de quilômetros, muitas vezes se chocando uns contra os outros, já que milhões desses tornados abundavam no terrível abismo, fazendo recuar o vácuo existente no nada e formando colunas de ar tão imensas que levavam centenas de ciclos para atravessar o abismo sem fim.

Completando esse cenário, esse espetáculo único, que ser algum já presenciou, trovões estrondosos, semelhantes às sete cornetas tocadas pelos sete anjos, que têm o poder de fazer ruir o mundo e seus habitantes, trovejavam com o poder de mil sóis. Os ciclones se chocavam com o digno e solene oceano, formando poderosas ondas, com a altura de vários e vários quilômetros, que saíam de seu pai, oceano, e por vezes duravam o período de meses no calendário da civilização, formando uma vaga insuperável, como a extensão de vários mares, para depois, com a força de um

poderoso e grande meteoro, desabar violentamente em cima de seu pai oceano, que impávido recebia aquilo que era seu, aquela porção que lhe fora arrancada violenta, mas naturalmente. O vasto oceano recebia a sua exuberante filha, que proveio de seu seio, e que agora se funde novamente com ele. Era Oceânides, ansiosa por se unir ao seu pai.

Essas imensas forças, controladas apenas por Deus, eram tão colossais, que um não admitia a presença do outro. Dessa forma, assim como Heitor, o exímio matador de heróis gregos, e Aquiles, o invulnerável filho de Tétis (se não fosse o seu famoso calcanhar), e maior guerreiro que se conhecera até então, e ainda Agamenon, o supremo comandante dos gregos, cujo exército provocou a ira de Ártemis, e que de Briseide, escrava e amante de Aquiles se apoderou, também os poderosos titãs do abismo viviam em constante luta.

Mas o que seria o vazio, o abismo, o nada? A pretensão humana não enxerga tão longe. O abismo existia desde sempre, como Deus? Ou Deus criou o abismo como uma fase pré-transcendente para a sua futura criação?

Respondi, ó sábios! E vós, que especulam com a ciência do espaço-tempo. Olhai tudo com cuidado, respondi a minha indagação, e vos responderei tal qual Bardo fez há mais de cinco séculos: *Há mais coisas entre o céu e a terra do que pode imaginar nossa vã filosofia.*

O vazio e o abismo, o nada absoluto, dependiam de Deus para existir, mas Deus reinava supremo sobre o abismo, que se encolhia à vista de sua glória, o alfa e o ômega, o princípio e o fim de todas as coisas, a glória eterna e imutável, a glória sempiterna, a glória indevassável e insuportável às criaturas inferiores.

Somente o Filho, que era a glória eterna do Pai, e o verbo supremo, por cuja palavra tudo foi feito e pelo qual se fez, podiam contemplar a glória de Deus, reflexo de sua própria glória. O Espírito Santíssimo pairava sobre o abismo, preenchendo tudo com a sua glória.

O Filho não só era Deus, mas estava com Deus desde o princípio da criação. Embora o cenário fosse delicado e inconsistente para a imaginação humana, era de todo verossímil, e Deus vagava em plenitude pelo vazio incorpóreo, enchendo tudo com seu espírito.

Contudo, Deus já havia predestinado e concebido a criação. A criação foi fruto da vontade do Deus onipotente e todo poderoso, que poderia optar entre modelar sua

Obrigado por visitar este ebook!

Você pode ler a versão completa deste ebook em diferentes formatos:

- HTML (Grátis / disponível para todos os usuários).
- PDF / TXT (Disponível para membros VIP. Membros com uma inscrição básica podem acessar até 5 ebooks em formato PDF / TXT durante o mês).
- Epub e Mobipocket (Exclusivo para membros VIP).

Para baixar esse livro completo, basta selecionar abaixo o formato desejado:

